



"Imprensa tem dificuldade de reconhecer seu racismo", diz professor da USP



O doutor em Comunicação Dennis de Oliveira, professor e pesquisador da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP)

Imagem: Arquivo Pessoal

Guilherme Soares Dias
Colaboração para Ecoa, de São Paulo

18/08/2020 10h51

O que acontece quando, em um país onde 54% da população é negra, a tarefa de informar fica nas mãos de brancos? Segundo o Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), no Brasil, apenas 22% dos jornalistas com carteira assinada em 2015 eram negros. O que essa desigualdade manifesta na prática?

Os impactos dessa falta de representatividade são inúmeros, segundo o doutor em Comunicação Dennis de Oliveira, professor da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP), onde também é pesquisador do Instituto de Estudos Avançados e coordenador científico do Centro de Estudos Latino Americanos sobre Cultura e Comunicação (Celacc). Um deles é o fato de o jornalismo brasileiro viver em uma "bolha de fontes" - ou seja, ouvirem os fatos, opiniões, visões e versões sempre de figuras frequentes ou validadas por um circuito de relacionamentos dos

jornalistas brancos. Esses profissionais viveriam, então, um "pacto narcísico da branquitude": jornalistas brancos preferem fontes brancas e o círculo se fecha.

Relacionadas



Adriana Barbosa fala sobre empreendedorismo, criatividade e diversidade



"Pessoas continuam se surpreendendo com um médico negro", diz Fred Nicácio



Crime sem solução motiva criação de instituto para ajudar negros na Justiça

Em entrevista a **Ecoa**, Dennis considera que ouvir outras vozes em diferentes temas da cobertura - economia, políticas, esportes, culturas - mudaria a lógica atual, gerando oportunidades para intelectuais negros, além de proporcionar visão mais plural dos acontecimentos. O professor da USP classifica como grave o fato da "branquitude do jornalismo" não contribuir para que o déficit democrático de pessoas negras e periféricas seja enfrentado. E ressalta que o maior problema do racismo brasileiro é o fato de as instituições terem dificuldades de reconhecê-lo na prática.

Prevalece a ideia de que o racismo é um comportamento disfuncional de determinadas pessoas más ou mal-educadas e não produto de uma estrutura.

Dennis de Oliveira, professor da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP)

Leia abaixo os principais pontos da entrevista:

Ecoa - Por que há tão baixa representatividade de pessoas negras na imprensa, tanto como fonte quanto entre os jornalistas?

Dennis de Oliveira - Historicamente, o racismo estabelece uma presença majoritariamente branca nos espaços de poder - em todas as dimensões: poder político, econômico, acadêmico, cultural. E isto contamina o jornalismo brasileiro, que ainda privilegia fontes oficiais nas suas coberturas. Por conta disto, há uma maioria branca nas fontes.

Mesmo com as ações afirmativas implantadas no Brasil a partir de 2003 e com a existência de vários intelectuais negros e negras, as redações jornalísticas reproduzem estas práticas racistas dando preferência a fontes brancas.

O maior problema do racismo brasileiro é o fato das instituições terem dificuldades de reconhecê-lo na prática. Há denúncias de casos de preconceito explícito, entretanto, não discute a presença majoritariamente branca nas redações (ainda que, por conta das ações afirmativas, tenhamos vários jornalistas negros formados) e nas fontes. Quando isto é apontado, sempre há um desconforto, principalmente porque está se questionando os privilégios da branquitude. Com uma redação majoritariamente branca, estabelece-se o que a psicóloga e colunista da Folha, Cida Bento, chama de "pacto narcísico da branquitude": jornalistas brancos preferem fontes brancas e o círculo se fecha.

Um levantamento da Lójúkojú (ação antirracista de divulgação e produção de dados para combater o racismo), mostra que, entre 2016 e 2020, de todos os 205 entrevistados do programa Roda Viva, da TV Cultura, apenas 13 eram negros. Há tão poucas pessoas negras relevantes para serem entrevistadas?

Não, há muitas fontes negras importantes para serem entrevistadas, e não apenas para discutir relações raciais. O jornalismo brasileiro vive em uma bolha de fontes. Os jornalistas, a maioria brancos, vivem em determinados circuitos de relacionamentos, em geral, próximos a estas instâncias de poder e reproduzem isto na escolha das suas fontes. Praticam o pacto narcísico da branquitude.

Há fontes negras com competência para discutir qualquer tema - política, economia, esportes, ciência. Mas o racismo brasileiro estabelece lugares fechados de concessão de fala a negras e negros. Antes, os únicos espaços concedidos eram os de atividades lúdicas (música e futebol). Agora acrescentaram também o tema do racismo. O professor Silvio Almeida, por exemplo, é um eminente jurista com total competência para discutir polêmicas neste campo, como a Operação Lava-Jato, a judicialização da política, entre outros. Quando ele foi chamado para discutir isto ou foi convidado para entrevistas com personalidades como o ex-juiz Sérgio Moro? Nunca. Ele só foi chamado para falar de racismo estrutural por conta dos movimentos que eclodiram a partir do assassinato de George Floyd.

Há outras pessoas importantes como a própria Cida Bento, a jornalista Rosane Borges, estudiosa de aspectos estéticos e políticos da sociedade contemporânea; o professor Ricardo Alexino, que faz uma discussão interessante sobre a mercantilização da agenda da diversidade nos tempos atuais e tantos outros.

O número de entrevistadores negros convidados pelo Roda Viva também é irrisório. Nesse caso, falta um esforço para garantir a diversificação de vozes entrevistadoras?

Sim. O jornalismo está criando uma nova "guetificação" temática e de permissão para negras e negros. Estes entrevistadores negros são chamados somente quando os convidados são pessoas negras que vão tratar de assuntos relacionados à temática racial. E vou além: quantos chefes de redação e diretores de programas, como o Roda Viva, são negros? Novamente entramos na branquitude dos espaços de poder.

Com essa baixa representação, estamos reféns de uma história e visão únicas? O que essa baixa representatividade provoca?

Sim, esta baixa representatividade - não apenas de negras e negros, mas de perspectivas negras (e também indígenas) - universaliza o olhar branco e eurocêntrico, e transforma a opinião pública em refém de uma narrativa única. Por isto, resolver o problema da representatividade nas redações dos jornais é fundamental, não apenas para a geração de oportunidades para intelectuais negros, mas para proporcionar uma visão mais plural dos acontecimentos.

Os protestos pela morte de George Floyd criaram uma onda antirracista. O senhor vê mudanças nas estruturas? Quais caminhos podemos traçar para evoluir por uma mídia mais diversa?

Despertou um sentimento que estava represado. A frase dita por George Floyd - "não consigo respirar" - sintetiza este sentimento. Não consigo respirar pelo estrangulamento do policial, por conta da fome, da miséria e da mortalidade da Covid-19.

O que vai ficando nítido é o esgotamento das possibilidades civilizatórias do capitalismo. No caso do Brasil, a situação é ainda mais grave, porque o processo de transição da ditadura militar para a democracia foi feito com acordos e não houve um ajuste de contas com o sistema repressivo anterior. O que houve foi o redirecionamento das tecnologias de repressão para as periferias, fazendo o negro ser o "inimigo interno".

Por isso, as periferias, onde vive a maior parte da população negra, convive com invasões de domicílio sem mandados judiciais, prisões ilegais, execuções extrajudiciais e alguns casos até toques de recolher. Programas televisivos dito "jornalísticos" expõem à execração pública rostos de pessoas capturadas pela polícia sem que estas sequer tenham sido julgadas. A presunção da inocência vai para o espaço.

Por isso, mais de 35 anos após o fim do ciclo militar, e pouco mais de 15 anos de ações afirmativas, podemos dizer que a democracia não chegou para o conjunto da população negra, em especial a da periferia. Pois, se esta tem o direito a voto, não tem a plenitude dos seus direitos civis - e sociais, menos ainda.

O que considero mais grave desta branquitude no jornalismo é justamente não contribuir para que este déficit democrático seja enfrentado. No fim, o jornalismo, que está diretamente vinculado à defesa dos valores democráticos, acaba por não cumprir o seu papel. Considero que este problema do racismo no jornalismo é de ordem ética e democrática.

O senhor pode apontar que tipo de equívocos ou deturpações da história a imprensa cria por não ter vozes diversas?

A cobertura das cotas raciais no Brasil, por exemplo. O jornalismo brasileiro centrou a discussão nos artigos opinativos, com opiniões favoráveis e contrárias — esta, na sua maioria. As opiniões contrárias se centravam nos argumentos de pessoas brancas de que as cotas iriam piorar o nível de ensino, de que iria aumentar o racismo nas universidades. Entretanto, não me lembro de reportagens que procuraram saber a opinião dos próprios estudantes cotistas sobre isso. Outra coisa, muito comum, nas abordagens de assuntos econômicos são pessoas brancas ligadas ao mercado financeiro e empresarial comentando medidas que atingem majoritariamente a população negra, como aumento do salário mínimo, [reforma da previdência](#), reforma trabalhista. As pessoas atingidas por estas medidas são ouvidas? Com isto, gera-se a opinião de que o benefício de um salário mínimo recebido por uma mulher negra que trabalhou a vida inteira como doméstica é o culpado pela crise econômica.

Houve um episódio recente em que a professora Lilia Schwarcz criticou um filme dirigido pela cantora Beyoncé usando, entre outros argumentos, o de que a artista não deveria narrar a ancestralidade africana de forma glamurizada. Por que os brancos se sentem tão à vontade em dizer como a negritude deve se comportar? E por que há tão poucos negros nos espaços de opinião dos grandes jornais?

A crítica da professora Lilia Schwarcz tem uma [série de equívocos](#). O principal deles é o caráter eurocêntrico de classificação das imagens em "modernas" e "selvagens ou bárbaras" a partir de determinados elementos simbólicos que aparecem na obra. Ela interpreta como alusão a um estado selvagem o fato de haver pessoas vestidas de onça, quando estas representações não são indicativos de estado de barbárie. Há representações de figuras ancestrais encenadas por pessoas usando peles de onça. O clipe tem um forte tom afrofuturista, de conexão com imagens ancestrais estilizadas, com estilo futurista tanto no design como na música.

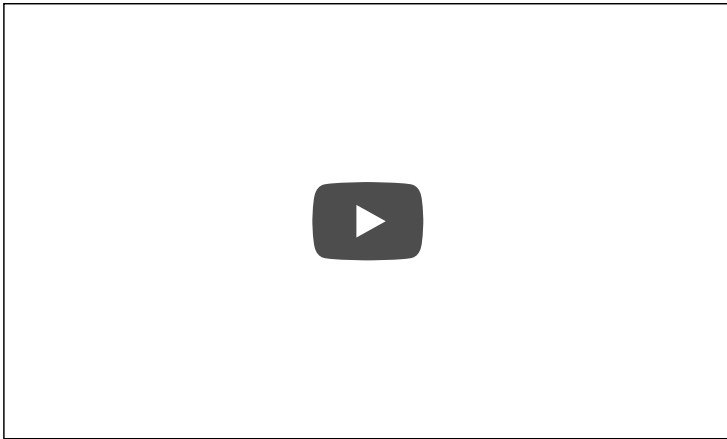
Mas a antropóloga usa como referenciais os símbolos clássicos da modernidade eurocêntrica, como narrativas das tradições helênicas - e isto é muito interessante porque autores como Enrique Dussel, Samir Amin e Annibal Quijano já demonstraram como esta perspectiva moderna eurocêntrica se julga a única herdeira das tradições helênicas, e que sua concepção de tempo e espaço é universal. É justamente esta narrativa eurocêntrica que dá base para que a intelectualidade branca se julgue como árbitro universal para avaliar qualquer manifestação, mesmo a da negritude.

Essa universalização do eurocentrismo branco é um dos motivos de que perspectivas diferentes desta sejam desconsideradas nas páginas de opinião dos jornais. Basta ver como estes mesmos jornais, por exemplo, priorizam a cobertura internacional dos países do continente europeu e Estados Unidos e desprezam o continente africano e o latino-americano.

Nota do editor: Lilia Schwarcz [publicou pedido de desculpas nas redes sociais](#) após a repercussão do texto, afirmando que não deveria ter aceitado o convite — "seria melhor uma analista ou um analista negro estudioso dos temas e questões que a cantora e o filme abordam", escreveu.

Neste momento, temos visto várias reprises de programas televisivos e de novelas. Em "Fina Estampa", produzida em 2010/2011 há poucos negros representados, e são retratados como submissos. Essa realidade melhorou de lá pra cá?

Sim, por conta da pressão do movimento negro. Entretanto, ainda prevalece a ideia de que o racismo é um comportamento disfuncional de determinadas pessoas más ou mal-educadas, e não produto de uma estrutura. Aí vem a ideia de que a luta contra o racismo é meramente um conflito moral entre o bem e o mal, bem típico das ficções televisivas seriadas.



[COMUNICAR ERRO](#) 

Iniciativas que inspiram

Histórias de atitude e empatia que transformam pessoas e comunidades

[ACESSAR](#)

Veja também

⤵ ANE nas estruturas



Empresas já sabem que diversidade é o que vai mantê-las de pé



Falsa polêmica sobre aborto viola direitos e dissemina narrativa ideológica

Conteúdo De Marca

Brasil tem redução de 70% nos atendimentos de infarto durante a pandemia

Ecoa

8 Comentários

Escreva seu comentário*

O autor da mensagem, e não o UOL, é o responsável pelo comentário. [Leia os termos de uso](#)

Visitante

🕒 4 horas atrás

O país tem que aumentar o número de presos brancos para equilibrar com o número de presos pretos. Questão de demografia, não importa se delinquiram ou não. Questão de justiça numérica.

👍 0 | [Responder](#) |

ftat7r16hkg4

🕒 4 horas atrás

a mídia não fala muito, pela simples razão que a pauta central é o feminismo branco

👍 0 | [Responder](#) |

[VER MAIS COMENTÁRIOS](#) ▾

Diversidade

Empresas já sabem que diversidade é o que vai mantê-las de pé

18/08/2020 04h00

PANE nas estruturas

17/08/2020 04h00

O retorno da escola radiofônica

15/08/2020 04h00

Quais histórias queremos contar e ver?

15/08/2020 04h00

"Pessoas continuam se surpreendendo com um médico negro", diz Fred Nicácio

12/08/2020 04h00

Que o conflito seja o começo e não o final de uma conversa

12/08/2020 04h00

A inovação construída com diversidade

12/08/2020 04h00

Pessoas LGBTI+ são protagonistas de suas próprias histórias

08/08/2020 04h00

Desinformação e discurso de ódio

07/08/2020 12h21

A criatividade como catalisadora da inclusão escolar

07/08/2020 04h00

Como Beyonce se tornou fundamental para o debate sobre identidade negra

05/08/2020 16h36

Você escuta para compreender ou responder?

05/08/2020 04h00

Machado de Assis não seria o que é se Brasil o visse como negro, diz editor

05/08/2020 04h00

Para combater racismo, curso de iorubá mostra influência africana no Brasil

04/08/2020 14h57

Cansei de ser incrível!

01/08/2020 04h00

"Campanha valoriza pais presentes. Thammy é um", diz executiva da Natura

31/07/2020 11h03

Conselho Nacional de Educação ouve sociedade civil e evita retrocesso

31/07/2020 04h00

Não é só discurso: como responsabilidade social e ambiental viram prática?

31/07/2020 04h00

Produtores de conteúdo querem negros falando de temas além do racismo

30/07/2020 04h00

Pare de oferecer lives gratuitas

29/07/2020 04h00

Empurrão em redes sociais faz primeira loja de bonecas negras vencer crise

26/07/2020 04h00

Precisamos mudar nossas atitudes

25/07/2020 04h00

Fundação Casa promove projeto fotográfico e roda de conversa sobre racismo

24/07/2020 17h29

O poder da boa prática para a educação de qualidade

24/07/2020 13h53

Ana Paula Xongani: "Tenho fome de construir a imagem preta positiva"

23/07/2020 04h00

Será o esgotamento de si, do outro e do planeta, nosso único destino?

22/07/2020 11h31

Escrevivência de Elizandra Souza, em prosa e fogo

21/07/2020 11h10

Anielle Franco fala de empoderar mulheres negras e do ciclo da vida

19/07/2020 12h07

Precisamos nos dar conta de nossos sucessos: carta

18/07/2020 04h00

Como a educação sexual pode salvar crianças de casos de abuso infantil

17/07/2020 16h07

Anísio e a máquina que viabiliza a democracia

17/07/2020 04h00

Diversidade, inclusão e equidade precisam caminhar juntas

15/07/2020 04h00

Fazer novas amizades na quarentena poderia ser mais fácil

11/07/2020 04h00

Lugar de mulher é na tecnologia: conheça a atuação do M.I.N.A.s

11/07/2020 04h00

Portador, especial, deficiente? Qual o termo adequado?

10/07/2020 04h00

No tribunal da internet, cancelamento é pena de morte

08/07/2020 04h00

Ataques do governo Bolsonaro a mulheres jornalistas são denunciados à ONU

07/07/2020 12h19

Os valores que as pessoas LGBTI+ atribuem aos aniversários

04/07/2020 04h00

Retorno dos estudantes com deficiência às escolas: qual o melhor momento?

03/07/2020 12h00

Economia da rosquinha

01/07/2020 04h00

Etnias indígenas se veem pela primeira vez representadas na TV em "Aruanas"

30/06/2020 04h00

O que podemos fazer pelo futuro da comunidade LGBTI+ no Brasil

Em 2016, um casal gay era expulso de um restaurante em Fortaleza por estar de mãos dadas, ainda que, desde 1998, a

28/06/2020 04h00

Sobre feminismos e interseccionalidade

27/06/2020 00h04

Novas evidências da resiliência de nossos professores

26/06/2020 11h28

Democracia Profunda e o desafio de escutar o diferente, genuinamente

24/06/2020 11h35

Excluídos e sexualizados, indígenas LGBTQs contra-atacam a homofobia

22/06/2020 04h00

Ingrid Silva: Quero que crianças parecidas comigo tenham referências

21/06/2020 12h01

VER MAIS